

Um saber fazer com restos: análise de uma prática pedagógica online em tempos de pandemia

Débora Elisa de Souza

Mestranda em Educação Científica e Ambiental, UFLA, Brasil
debora.souza4@estudante.ufla.br

Erika Mara Nogueira de Santana Ticle

Mestranda em Educação Científica e Ambiental, UFLA, Brasil.
erikaticle@gmail.com

Julia Amorim Monteiro

Mestranda em Educação em Ciências e Matemática, UFPR, Brasil.
juliaamonteiro9@gmail.com

Antonio Fernandes Nascimento Junior

Professor Doutor, UFLA, Brasil.
Toni_nascimento@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar uma prática pedagógica buscando entender as potencialidades da mesma para a promoção de uma reflexão crítica acerca do tema Lixo. A prática foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Ciência e Culturas Descolonizadoras ofertada no modelo de Ensino Remoto, devido a pandemia da COVID-19, no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental de uma Universidade Federal. Para isso, foram tomadas como dados avaliações feitas por bolsistas do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que após assistirem ao vídeo, responderam a seguinte questão: quais os pontos positivos e os pontos a serem melhorados na prática. Dessa forma, esse trabalho se enquadra na chamada Metodologia Qualitativa de Pesquisa e as respostas foram analisadas utilizando a Análise de Conteúdo e, mais especificamente, a categorização temática. Após a análise, foi possível encontrar três categorias que são: “Poema como potencializador da prática”, “Abordagem transdisciplinar” e “Problematização”. Sendo assim, é possível considerar que a prática cumpriu seu papel para promover uma reflexão crítica acerca da temática do lixo, uma vez que tomou como base a Educação Ambiental Crítica e trouxe a arte para problematizar questões ligadas à temática, provocando reflexões contextualizadas que transcendem a forma como a temática é abordada comumente.

PALAVRAS-CHAVE: Lixo. Educação Ambiental Crítica. Carolina Maria de Jesus.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um cenário pandêmico que nos obrigou a reinventar as formas de viver. Dentre essas reinvenções, estamos redescobrimo formas de se fazer a Educação, sendo necessário levar em conta a nova realidade na qual estamos inseridos (ALVES E CABRAL, 2020).

A quarentena, com a conseqüente interrupção das atividades escolares presenciais, iniciada no Brasil a partir de março de 2020, fez com que a maior parte das Universidades Federais, inúmeras instituições privadas e algumas instituições públicas estaduais ou municipais, buscassem alternativas para manter o contato escolar no período. Implantaram-se, assim, com maior ou menor agilidade, diversas formas de ensino não presencial, a partir do uso de redes sociais, plataformas de comunicação online, rádio, televisão ou até material impresso entregue aos estudantes para estudos autônomos em casa.

Essa nova forma de fazer - e pensar - a Educação carrega consigo inúmeras contradições. Martins (2020) discute que o contato mais íntimo com a internet e seus diversos recursos acabaram gerando, entre outras coisas, a exclusão digital, com efeitos perversos que trazem à superfície as precariedades e impotências desse tipo de ensino. O autor ainda salienta que a implementação do ensino remoto distancia as barreiras que separavam o sistema educacional presencial do ensino a distância, que possui uma legislação própria, diferente do ensino remoto que foi elaborado às pressas e sua adaptação teve de acontecer com a mesma proporção.

Diante desse cenário, assim como toda a humanidade, os discentes matriculados na disciplina “Ciência e Culturas Descolonizadoras” do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental de uma Universidade Federal foram tomados de surpresa pelos efeitos da pandemia, mas os esforços para desenvolver práticas que vão ao encontro de uma formação social, moral, cognitiva, afetiva e humana (GATTI, 2016) continuaram.

A disciplina teve a preocupação de, mesmo em um contexto pandêmico, não abrir mão de práticas pedagógicas que aproximassem os conteúdos dos estudantes, bem como propiciar uma formação mais humana a partir do contato com diferentes expressões da cultura, nesse caso, a Arte. Valendo-se de poemas, filmes e músicas, foram propostos estudos sobre a conformação cultural dos povos antigos e modernos, assim como reflexões sobre os povos que

constituíram o povo brasileiro: povos nativos originais, o sertanejo e os povos vindos da África. A preocupação de inserir a arte na disciplina se baseia na percepção de Duarte (2008), que aponta sobre a importância dos sujeitos, nos processos educacionais, entrarem em contato com a riqueza cultural acumulada pela humanidade, sendo a arte uma das manifestações culturais existentes.

Sendo assim, o tema no qual esse trabalho se debruçou foi o lixo, mas não se limitou aos aspectos ambientais causados pela cultura do consumo, a qual leva ao aumento de descarte e desperdício. O debate sobre essa temática requer que as atenções se voltem para uma interface relacionada com a intervenção humana no meio ambiente. Sobre essa relação do humano e da natureza, Marx problematiza uma visão de uma relação ingênua e alienada ao nos dizer que

a natureza é o corpo inorgânico do homem. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza (MARX, 2010, p.84).

A visão alienada da relação do homem com a natureza, a qual pauta-se na exploração de uma natureza entendida como inesgotável que traria melhorias para a vida dos sujeitos, passa a ser questionada. De acordo com Trein (2012, p. 297) “as relações sociais que os homens estabelecem entre si e a que estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho assumem essa face heterônoma, com grande poder destrutivo do ambiente e da vida humana”. De tal forma, sustentada por ideias marxistas, Trein defende uma Educação Ambiental que considere as transformações dos homens na natureza, bem como as transformações que a natureza causa nos sujeitos, de forma dialética (TREIN, 2012).

Partindo desse contexto, tomando como base a Educação Ambiental Crítica, esse trabalho tem como objetivo analisar uma prática pedagógica feita por meio de um vídeo produzido no âmbito da disciplina Ciência e Culturas Descolonizadoras, ofertada de maneira remota em decorrência da pandemia da COVID-19, buscando entender as potencialidades da prática desenvolvida para a promoção de uma reflexão crítica acerca do tema Lixo.

2 METODOLOGIA

A seguir serão descritos o contexto de constituição dos dados, uma breve apresentação da prática pedagógica desenvolvida e a metodologia de análise.

2.1 Contexto de constituição dos dados

Devido ao modelo de Ensino Remoto Emergencial, os encontros da disciplina Ciência e Culturas Descolonizadoras ocorreram de modo online, utilizando-se a plataforma Google Meet. Os encontros foram semanais, de modo síncrono, com participação do professor da disciplina e discentes. Mesmo se tratando de aulas no modelo do Ensino Remoto Emergencial, o professor da disciplina buscou maneiras dinâmicas e criativas para estimular a reflexão, partindo da arte para problematizar questões afins com os temas abordados.

A partir das reflexões críticas propostas nos encontros síncronos online, foi solicitado aos discentes que elaborassem e apresentassem aulas aos demais colegas, como uma atividade real de formação docente. Os discentes foram divididos em duplas, e cada dupla deveria abordar conteúdos que perpassam a Ciência relacionando a cada um dos povos que constituem o povo brasileiro e, também, deveriam utilizar alguma forma de expressão artística, como poesia, música, imagem, entre outras, como meio de problematizar a questão central da aula que fosse preparada.

Dado ao contexto pandêmico e das aulas em formato online, a experiência que em outras ocasiões se dava de modo presencial, no caso retratado no presente artigo exigiu a adaptação dos discentes da disciplina, vez que a aula proposta deveria atender, ainda, ao padrão de estudos remotos emergenciais. Vale lembrar que dentre as orientações para a tarefa houve a exigência principal de que a aula não poderia ser expositiva.

Os temas surgiram das discussões promovidas nos encontros síncronos da disciplina já citada, e das reflexões propostas sobre a invasão colonial das terras brasileiras e a imposição de um modelo eurocêntrico de se ver no mundo. Partindo de uma abordagem histórica, que também se valeu da arte, fomos levados ao enfrentamento dos problemas atuais da sociedade brasileira, sendo o Lixo uma problemática que deve ser refletida e enfrentada. Certo é que a obra e a vida de Carolina Maria de Jesus já haviam tocado as pós-graduandas e através da mediação do docente responsável pela disciplina construiu-se e delimitou-se o rol dos aspectos que seriam abordados, especialmente em razão da necessidade de tornar a prática interessante e viável ao tempo disponível para apresentação.

2.2 A prática pedagógica

O tema central da proposta, como dito anteriormente, foi o Lixo. Atentos à perspectiva crítica que envolvia a disciplina, discutiu-se, então, a possibilidade de partir do tema central do lixo para provocar reflexões sobre a responsabilidade com o lixo e cultura dos restos, associando problemas relacionados ao consumo e descarte desenfreados da sociedade moderna a questões mais críticas que se direcionassem a uma discussão ampla sobre os aspectos que envolvem a coisificação e o descarte de seres humanos, colocados à margem da sociedade.

Como ponto de partida para a problematização foi escolhido o poema de Carolina Maria de Jesus (1996), “Muitas fugiam ao me ver”, pois a própria história de vida da poetisa e os versos do poema escolhido encontravam sintonia com a proposta de discussão da aula, de pensar o lixo à partir de reflexões sobre a responsabilidade.

Destaca-se, assim, o poema:

*Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia.*

*Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto.*

*Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz (JESUS, 1996).*

As discentes optaram por produzir o material da aula não expositiva em um vídeo, a fim de atender às exigências de distanciamento social impostas pela pandemia da COVID-19. Utilizando plataforma online fizeram reuniões para discussão da temática, delimitação da proposta e a definição do modo como o assunto seria abordado.

Elaboraram o roteiro com o objetivo de partir da problematização do descarte do lixo, progredindo para discussões mais críticas sobre consumismo, coisificação e despersonalização do ser humano, responsabilidade individual e a ideia mágica do descarte público, a marginalização de lixões e de pessoas, a dificuldade do ser humano em lidar com a ideia de finitude e a compensação no consumo, a recusa da classe média em se ver como parte do problema que coloca lixões e pessoas às margens da sociedade, além de tecer críticas à ideia simplista de que a reciclagem daria conta de corrigir todos os males que o consumismo causa ao planeta Terra e à sociedade.

Criaram, assim, um vídeo dividido em dois momentos. O primeiro momento mostra as alunas em um contexto real. Elas conversam por telefone sobre o trabalho que deveriam fazer e uma delas se mostra em dificuldade para executá-lo em razão de um problema pessoal enfrentado com a tubulação de esgoto, em razão de lixos que teriam sido descartados incorretamente e que geraram entupimento da rede. Nessa fase foi apresentada a problematização do tema proposto.

No segundo momento, a partir da conversa inicial, deu-se início a um programa fictício de denúncias. As alunas são, agora, personagens do programa. Uma interpreta a apresentadora e a outra é a convidada. Os assuntos do roteiro vão sendo introduzidos como se fizessem parte do programa. A poesia de Carolina Maria de Jesus, dá o tom da conversa. O poema foi, então, abordado a partir de cada estrofe, sendo que cada estrofe criou a problematização que abriu caminho para a reflexão crítica dos subtemas propostos.

Na intenção de manter a atenção de quem assiste o vídeo, as imagens do programa fictício foram intercaladas com diversas imagens relacionadas ao assunto que estava em debate. Foram selecionadas na internet imagens de uso livre, mas que contribuíssem à proposta de reflexão crítica do assunto tratado. Assim, as imagens, outra expressão artística, foram utilizadas para criar um apelo visual ao espectador.

Vale elucidar que os materiais utilizados foram gravações com celular e na plataforma Zoom. Para a edição das imagens foi utilizado o programa Adobe Premiere versão gratuita. O vídeo, no total, teve 18 minutos e 56 segundos e está disponível na plataforma *Youtube* no seguinte link: https://youtu.be/nANrRY_EvTw.

2.3 Análise dos dados

O vídeo foi apresentado a licenciandos do curso de Ciências Biológicas que fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e eles avaliaram a prática respondendo a seguinte questão de forma escrita: “Quais foram os pontos positivos e os pontos a serem melhorados da prática desenvolvida?”. As respostas dos 17 (dezessete) bolsistas participantes foram tomadas como dados para esse trabalho e foram analisadas de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2016).

A análise de conteúdo, a partir da década de vinte, foi compreendida como um método de pesquisa, que estuda as comunicações dos indivíduos evidenciando o conteúdo das

mensagens (TRIVINOS, 1987). Sendo assim, a análise de conteúdo é delineada por um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que emprega uma série de mecanismos, de tal forma que investigue e sistematize uma descrição do conteúdo das mensagens, a partir de indicadores que permitam a inferência de conhecimentos (BARDIN, 2016).

Portanto, a partir da análise das respostas dos bolsistas, foi possível compreender representações que os mesmos apresentaram em relação a interpretação que fizeram dos significados trabalhados no vídeo, com a temática do lixo. Posto isto, é válido dizer que na análise de conteúdo a frequência com que manifestam certas características do conteúdo serve de informação, bem como a presença ou a ausência de uma característica do conteúdo (BARDIN, 2016). Sendo assim, essas representações foram sistematizadas nos resultados e discussões, com base em três categorias, e respectivas descrições e frequência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando manter o anonimato dos participantes, os nomes dos discentes foram substituídos e identificados pela letra A seguido por um número de 1 a 17. Apresentamos, a seguir, as falas dos bolsistas na íntegra:

A1 - *“A prática pedagógica foi muito bem pensada, o vídeo acaba explorando a questão da produção de lixo e usando de forma dinâmica e criativa em forma de entrevista que pensa de forma crítica as questões sociais e filosóficas que cercam esse tema. Não tem pontos a serem melhorados.”*

A2 - *“As práticas pedagógicas que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social, enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo onde se desenvolvem por adesão, por negociação, ou, ainda, por imposição. Portanto essas formas de concretização de temas como resíduos produzem faces diferentes para a perspectiva científica no processo ensino aprendizagem.”*

A3 - *“Como pontos positivos, esse vídeo foi muito formativo e dinâmico, as professoras souberam conduzir muito bem trazendo o enfoque de como saber renovar com o lixo e levantando questões sociais, culturais, filosóficas, biológicas e até psicanalíticas, além de não deixar ficar expositivo e cansativo, prendendo a atenção de quem estava assistindo através de uma edição que ficou excelente, e com um conteúdo muito rico, o que nos permiti afirmar que elas realmente se dedicaram e buscaram dar o seu melhor para a construção desse vídeo. Ainda, a forma que elas trouxeram de explorar a mensagem que os versos de um poema nos trazem, ao longo do vídeo, foi muito produtivo e enriquecedor. Já como pontos a serem melhorados, não houve nenhum.”*

A4 - *“Pontos positivos: - O diálogo feito entre o poema “Muitas fugiam ao me ver – Carolina Maria de Jesus” e um pouco de como as pessoas de diferentes classes lidam com o que consomem, além de diferentes conceitos que fundamentaram o diálogo foram muitos bem postos, de forma orgânica, coerente e provocativa. Pontos a serem melhorados: - Algo relacionado ao que se fazer com o lixo poderia ter sido abordado, com o objetivo de responsabilizar as pessoas pelo seu próprio lixo. Com certeza muita gente não consegue lidar com o seu próprio lixo e por isso o jogam fora tornando-o inutilizável e prejudicial ao meio ambiente. Mas, se for possível ensinar as pessoas sobre quem deve se responsabilizar pelo lixo e sobre parar de jogar as coisas “fora”, qual a ideia de fora? Onde é fora? Fora pode ser, na verdade, o “dentro” de alguém, é na verdade dentro do nosso mundo, do mundo de todos. Então, acredito que isso poderia ser mais visível na problematização do vídeo.”*

A5 - *“Pontos positivos: a prática foi muito interessante e criativa. A parte de colocar o programa de tv e usar recursos como o poema foi muito bom. Pontos a serem melhorados: não consegui ver nenhum.”*

A6 - *“Pontos positivos: O vídeo das meninas conteve muitas informações interessantes e necessárias sobre o lixo, a utilização do poema “Muitas fugiam ao meu ver de Carolina Maria de Jesus” enriqueceu ainda mais sua aula. Outro ponto positivo foi a forma como ambas conduziram o tema problematizando e abordando questões culturais, biológicas, sociais... Pontos a serem melhorados: Não sei se foi somente eu que sentir isso, mas a altura da voz das meninas estava diferente, com isso muitas vezes tinha que ficar aumentando o volume quando uma ia falar e diminuir quando era a próxima. Fora isso, não vi nenhum ponto a ser melhorado.”*

A7 - *“O vídeo ficou bem didático, visto que uma das meninas estava sofrendo isso em casa, a respeito do vídeo. O poema “Muitas fugiam ao meu ver de Carolina Maria de Jesus” foi muito bem trabalhado e detalhado no decorrer do vídeo, elas problematizaram bastante a questão do descarte do lixo e também do sistema de produção, levantando questões biológicas e sociais. Um dos pontos a serem melhorados, ao meu ver, seria a abordagem de vários autores, que ficou bem superficial ou de difícil entendimento de algumas partes para mim.”*

A8 - *“Os pontos positivos foram a organização da conversa e a dinâmica, usando experiências e poemas enquanto progredimos no assunto, não tem pontos a melhorar.”*

A9 - *“A criatividade envolvida na produção é fascinante, somos presos no vídeo por causa da surpresa... Ao invés de partimos direto ao assunto, ficamos curiosos e entretidos com o problemão que a Érica enfrenta em casa. A análise sistêmica que a Débora faz também é fascinante, muito didática e formativa. Os poemas da Carolina Maria de Jesus são uma lição moral, a escolha não poderia ter sido mais feliz.”*

A10 - *“Gostei da dinâmica do vídeo, do problema inicial da profesora e como que aquilo poderia ser resolvido. A famosa problematização. Amei o poema, achei muito forte e me encantou. Conforme a professora ia explicando cada parte do poema eu achava me encantava com ele.”*

A11 - *“Interessante a forma como as professoras iniciaram o vídeo a partir da problematização de algo do cotidiano. Devido ao entupimento do cano de sua casa, elas resolveram entrar em contato com o Programa “Denúncias e Reflexões a partir de Versos” para pedir ajuda. O programa fictício criado por elas trouxe o tema “Cultura dos restos” com o intuito de abordar “Um saber fazer com restos: a arte como encontro com a humanização”. Pontos positivos: Gostei bastante do poema que elas analisaram de Maria Carolina de Jesus, pois despertou em mim um olhar diferente para o lixo, para a questão do ideário sanitário e até mesmo de algo que antes eu não havia parado para refletir: a localização dos aterros e lixões e os riscos que isso oferece para a população que li vivem. As pós graduandas souberam conduzir o diálogo de forma criativa entre as duas apresentadoras do programa. Reforçaram nossa responsabilidade com o lixo com perguntas que me chamaram a atenção: “Para onde o lixo vai quando o descartamos?” O que a maioria das pessoas esquece é que quando colocam o lixo para fora de suas casas não estão se livrando de um problema, pois é aí que ele se inicia. Isso porque o lixo não deixa de existir quando o colocamos para fora. As professoras também trouxeram conceitos importantes como a noção de responsabilidade do lixo tanto privado quanto público; o que é sociedade de consumo, obsolescência programada – ciclo de consumo que produz mais lixo – cultura do descarte; o papel da educação como aquela que desperta a consciência crítica. Algo que me chamou a atenção foi que elas foram esclarecendo os versos do poema de Maria Carolina de Jesus focando em aspectos socioculturais e também filosóficos bastante atuais. Além disso, abordaram a questão do processo de reciclagem e seus benefícios, o problema do processo de coisificação do ser humano e a maneira simples*

e profunda como a interação da vida com a obra deixada por Maria Carolina se aplica nos dias atuais. Ela que com seus versos grita para a sociedade “Eu existo, nós existimos”. Achei que as imagens utilizadas no vídeo foram impactantes e ficaram muito bem colocadas. Pontos a serem melhorados: achei que no final do vídeo seria interessante que as apresentadoras encerrassem o programa e novamente Érika e Débora entrassem em cena para fazer uma rápida conclusão do que puderam aprender com o programa.”

A12 - *“O vídeo tem vários pontos positivos, mas quero ressaltar a dinâmica que foi desenvolvida, pois isso fez com que em nenhum momento ficasse cansativo de ver. Além disso, não posso deixar de dizer que o uso do poema foi muito feliz para a discussão. Já pontos a serem melhorados não consigo enxergar nenhum no momento.”*

A13 - *“Acho de extrema importância aprendermos outras dinâmicas no sentido estudo-aprendizagem. Gostei muito do trabalho da Érika e Débora, do assunto abordado e de como o vídeo foi feito de forma que prende o espectador, principalmente por seu um assunto cotidiano de extrema importância.”*

A14 - *“Pontos positivos: Boa proposta de problematização, roteiro bem estruturado e a maneira como o vídeo foi planejado enriqueceu muito a aula, além que ambas conseguiram passar grande confiança e interpretaram muito bem suas personagens. Pontos a serem melhorados: No meu ponto de vista não vi algo a ser melhorado, porém com o conteúdo apresentado essa aula seria inserida exclusivamente para ensino médio já que a linguagem não é tão simplificada.”*

A15 - *“A prática foi muito inspiradora para nos fazer refletir sobre como o uso de poemas pode dialogar com várias questões sociais e científicas. Acredito que deva ser uma prática voltada para o ensino médio devido a complexidade da abordagem. Foi muito criativo e bem elaborado, utilizar de um acontecimento inusitado para transformar em prática pedagógica é uma ideia incrível. A narrativa se construiu muito bem, o vídeo é instigante, tem início, meio e fim e o mais importante, é crítico em sua proposta.”*

A16 - *“A aula prendeu minha atenção do começo ao fim, o diálogo aconteceu de forma muito natural e explicativa, e a forma como foi conduzida até o momento da explicação no programa foi muito sutil e coube muito bem no vídeo. O domínio do conteúdo foi destaque e as abordagens em várias áreas de conhecimento enriqueceu a aula. Pontos a melhorar: Acredito que para a formação de professores foi ótima, mas para levar em sala de aula os alunos precisariam de conhecimentos prévios em várias áreas, o que talvez levasse a uma simplificação da aula.”*

A17 - *“A aula como um todo foi muito bem elaborada e conduzida, em todos os conceitos que eram abordados foi possível perceber um ótimo domínio das professoras sobre o assunto de modo que o diálogo entre as duas ficou super natural e fluído. Gostei demais da proposta trazida no vídeo de como abordar a questão do consumo (obsolescência programada e etc.) de uma forma mais dinâmica e interessante; além disso também gostei muito de como em uma aula em que o tema central seria “o lixo” e tudo que o envolve (consumismo, reutilização, descarte indevido, etc.) a Débora e a Érika conseguiram abordar até aspectos de psicanálise.”*

A partir da análise das avaliações apresentadas acima, foi possível construir três categorias a posteriori, que estão apresentadas com sua descrição e frequência no quadro 1.

Quadro 1- Categoria, descrição e frequência

Categoria	Descrição	Frequência
Poema como potencializador da prática	Nessa categoria estão inseridas as falas que se remeteram ao diálogo feito com o poema de Carolina Maria de Jesus como potencializador da prática.	A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A15
Abordagem transdisciplinar	Aqui estão agrupadas as falas que trouxeram que a prática feita levou em conta aspectos referentes a questões sociais, culturais, filosóficas e biológicas ao abordar a discussão sobre o Lixo.	A3, A6, A7, A11, A15, A16
Problematização	Estão agrupadas aqui as falas que apontaram como ponto positivo da prática a problematização feita.	A10, A11, A13, A14, A15

Fonte: Autoria própria, 2021.

Na primeira categoria, nomeada de “Poema como potencializador da prática”, estão as falas dos estudantes que trouxeram que o diálogo da temática abordada com o poema da Carolina Maria de Jesus foi um ponto potencializador para a prática. A apresentação do poema, é uma forma de aproximar o sujeito da arte e, neste caso, um tipo de produção artística que ainda é elitizada e que não costuma estar presente na vida de muitos sujeitos, sendo uma maneira de resgatar o vínculo com a criatividade e com o lúdico. É por meio da arte que o sujeito expressa seu modo de se relacionar com o mundo social (BIERDORF E WANDSCHEER, 2011).

Neste contexto, de acordo com Monteiro, Paula e Nascimento Junior (2018), a literatura da poesia vem sendo substituída pelos novos meios de comunicação e tecnologia, o que nos leva ao risco de uma educação deficiente quanto a uma visão reflexiva, ativa, responsável e estética. O que corrobora com o contexto de liquidez denunciado por Bauman (2004), ao nos dizer sobre as substituições das relações humanas, relações culturais e artísticas, pelas tecnologias, que fragmenta e fragiliza o vínculo do sujeito com o social. Nessa perspectiva, uma abordagem que tenha como sustentação a Educação Ambiental Crítica aliada a intuição criativa e a arte constrói um espaço de possibilidades, no qual oportuniza uma reflexão sobre a forma como nos relacionamos com o ambiente e com tudo o que nele há, oportunizando possibilidades efetivas para transformarmos a realidade na qual estamos inseridos e superarmos a crise socioambiental instalada ao longo da história (MONTEIRO, PAULA E NASCIMENTO JUNIOR, 2018).

Vale ressaltar que dentre essa categoria, a que mais se repetiu entre os comentários dos bolsistas do PIBID foi o destaque da poesia na construção do diálogo com os assuntos abordados sobre o lixo. Vejamos, por exemplo, trecho fala do estudante A11, que elucida a potencialidade da poesia para despertar um encantamento ao assunto abordado:

“[...] Gostei bastante do poema que elas analisaram de Maria Carolina de Jesus, pois despertou em mim um olhar diferente para o lixo, para a questão do ideário sanitário e até mesmo de algo que antes eu não havia parado para refletir: a localização dos aterros e lixões e os riscos que isso oferece para a população que ali vivem. [...]”.

Também na fala do discente A15 é possível perceber a valorização da experiência de trazer um elemento da arte para dialogar com a ciência, ampliando as possibilidades de análise do tema:

“A prática foi muito inspiradora para nos fazer refletir sobre como o uso de poemas pode dialogar com várias questões sociais e científicas[...]”.

Na reflexão crítica proposta também se recorreu à ingênua ideia de que na natureza nada se perde, mas tudo se transforma eternamente, ideia esta que marca o símbolo da reciclagem. No entanto, essa afirmação nos remete a duas implicações, sendo que a primeira diz respeito a ideia do “eternamente”, visto que não significa que o lixo será eternamente

reutilizado; a segunda implicação nos remete aos restos psíquicos da nossa relação de alteridade, restos que continuam exigindo trabalho, já que não há mágica, não se joga o lixo na lixeira e ele desaparece, não se joga o lixo no bueiro e ele magicamente deixa de existir. Existe um retorno do resto, mesmo que psiquicamente e socialmente tentamos o manter afastado.

Portanto, o resto que continua exigindo trabalho e a necessidade de lidar com ele nos leva ao encontro da capacidade do sujeito coletivo, ou da sociedade, voltar os olhos para si própria, para o que ela posiciona como resto. O que Carolina Maria de Jesus materializa em sua escrita, é um saber fazer com os restos, sejam eles de resíduos materiais, sejam eles resíduos psíquicos da alteridade, criando, escrevendo, se circunscrevendo em arte e, principalmente a re-implicação do resto na sociedade, que por vezes a entendia como tal.

Essas questões vão ao encontro nos escritos de Monteiro, Lourenço e Villarta-Neder (2020), que analisaram o mesmo poema utilizado na prática, e consideraram que ele é uma ferramenta rica para suscitar discussões em ambientes educacionais, já que a escrita desempenha um papel transformador na vida de Carolina e, é por meio de suas palavras, que ela formula e reformula a realidade na qual estava inserida. Os autores também apontaram que a partir da obra de Carolina, é possível trazer discussões críticas no que diz respeito à dimensão histórica, política, social e ambiental da realidade

Já na categoria “Abordagem transdisciplinar”, as falas dos bolsistas permitem inferir sobre a relevância de abordar questões ambientais, de forma que evite a fragmentação da compreensão de ambiente, abordando aspectos sociais, políticos, culturais e filosóficos, evidenciando assim o vínculo entre natureza, sujeitos e sociedade.

Muitas pesquisas no campo da educação mostram que levar em consideração o contexto histórico, político, cultural e social do conhecimento é substancial (FORGIARINI, 2008). É a partir dessa abordagem transdisciplinar que o sujeito é vinculado ao conhecimento, evitando assim uma posição passiva em relação ao mesmo (SOUZA, IGLESIAS E PAZIN-FILHO, 2014) correndo o risco de, nas palavras de Monteiro, Gonçalves e Nascimento Junior (2020, p. 279) “não estimular a imaginação nem a criatividade desses indivíduos e, tampouco, a curiosidade pela descoberta de novos saberes”.

A abordagem da Educação Ambiental Crítica que apresenta essa transdisciplinaridade, evita uma visão deformada, alienada e ingênua do conhecimento e problematiza a questão ambiental a partir de diferentes perspectivas (TREIN, 2012). No entanto, para superar uma visão fragmentada e ingênua das questões ambientais é necessário pensar naquele que media esse conhecimento, portanto é preciso também levar em conta a formação dos professores. Logo, devemos pensar em uma formação reflexiva, que desenvolva a criticidade e a problematização das questões sociais, políticas, econômicas e culturais, no qual está inserido o conhecimento (MONTEIRO, GONÇALVES E NASCIMENTO JUNIOR, 2020).

Foi, então, pensando em ultrapassar a discussão do lixo quanto ao aspecto da reciclagem, e que por vezes é levado à sala de aula como que representando a totalidade das implicações que o lixo traz para reflexão da sociedade, que se construiu o diálogo sob análise.

Foi proposta uma reflexão sobre os problemas ambientais que envolvem o descarte do lixo, mas também os motivos que levam à produção de toneladas de materiais descartados, propondo a reflexão sobre o modelo capitalista que incentiva o consumo inconsciente de bens, enquanto degrada o meio ambiente. A análise, no entanto, também ponderou como lidamos com os restos que produzimos, abordando o assunto dos restos numa perspectiva ambiental, social e psicanalítica, abordagem essa que foi bem recebida pelos bolsistas do PIBID, especialmente nos destaques que seguem:

A3: “[...] esse vídeo foi muito formativo e dinâmico, [...] souberam conduzir muito bem trazendo o enfoque de como saber renovar com o lixo e levantando questões sociais, culturais, filosóficas, biológicas e até psicanalíticas [...]”.

A6: “[...] outro ponto positivo foi a forma como ambas conduziram o tema problematizando e abordando questões culturais, biológicas, sociais [...]”.

A11: “[...] trouxeram conceitos importantes como a noção de responsabilidade do lixo tanto privado quanto público; o que é sociedade de consumo, obsolescência programada – ciclo de consumo que produz mais lixo – cultura do descarte; o papel da educação como aquela que desperta a consciência crítica. Algo que me chamou a atenção foi que elas foram esclarecendo os versos do poema de Maria Carolina de Jesus focando em aspectos socioculturais e também filosóficos bastante atuais. Além disso, abordaram a questão do processo de reciclagem e seus benefícios, o problema do processo de coisificação do ser humano e a maneira simples e profunda como a interação da vida com a obra deixada por Maria Carolina se aplica nos dias atuais[...]”.

Na terceira categoria “Problematização”, foi possível perceber que os estudantes foram estimulados a pensar a partir das situações-problema que foram colocadas na prática pedagógica, bem como ficaram curiosos com o desfecho da experiência apresentada, possibilitando um encantamento do indivíduo com a dialética do vídeo.

Uma educação problematizadora se ampara na relação dialógica entre o professor e o aluno, no qual por meio do diálogo, o professor apresenta diferentes contextualizações para a construção de saberes, além de instigar um pensamento crítico e libertador (FREIRE, 1996). De acordo com Temoteo, Carneiro e Nascimento Junior (2020, p. 1787) “a problematização é um processo no qual o educando se confronta com situações reais, desestabilizando seu conhecimento anterior e desenvolvendo uma brecha que o faz querer saber daquilo que ele ainda não sabe”.

Dessa forma, mesmo a prática tendo sido desenvolvida em um contexto de ensino remoto, a problematização foi algo que tornou possível a aproximação do conteúdo com a realidade dos educandos, contribuindo para uma prática mais dinâmica e que, alidado a criticidade colocada em cena, forneceu subsídios para que os estudantes se apropriassem da discussão que foi proposta (ROSA, MONTEIRO E NASCIMENTO JUNIOR, 2019).

É possível elucidar o alcance que se obteve na experiência com a problematização a partir da fala dos dois bolsistas:

[...]” A10: Gostei da dinâmica do vídeo, do problema inicial da Érika e como que aquilo poderia ser resolvido[...]”.

A11: Interessante a forma como Érika e Débora iniciaram o vídeo a partir da problematização de algo do cotidiano [...]”.

Os trechos em destaque demonstram, assim, o potencial da problematização no que diz respeito a abordar uma discussão crítica sobre o lixo, mesmo que de forma remota e sem a mediação efetiva do professor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar uma prática pedagógica sobre a temática do Lixo buscando entender as potencialidades da prática desenvolvida para a promoção de uma reflexão crítica acerca do tema trabalhado. A partir da análise da fala dos bolsistas do PIBID, que assistiram e avaliaram a prática, foi possível encontrar três categorias que balizaram a discussão deste trabalho.

A primeira categoria que foi nomeada de “poema como potencializador da prática” sintetiza a visão dos bolsistas quanto ao papel que o poema da Carolina Maria de Jesus teve,

que foi de problematizar, dialogar com a temática, e mais do que tudo, trazer a tona os aspectos sociais e políticos que perpassam a temática Lixo.

Sendo assim, podemos considerar a potencialidade da poesia para envolver as discussões e despertar um encantamento nos estudantes no que diz respeito a ver a temática de maneira contextualizada e despertar o interesse para expressões artísticas que não são comumente apresentadas à eles, como é o caso da poesia.

A segunda categoria encontrada, nomeada de “Abordagem transdisciplinar” diz respeito às falas dos estudantes que trouxeram a relevância de uma abordagem que levou em conta aspectos sociais, culturais, filosóficos e biológicos que perpassam a temática do Lixo. Essa abordagem se pautou em um entendimento crítico do ambiente.

De tal forma, podemos apontar para a necessidade de uma Educação Ambiental que seja verdadeiramente crítica, e que permita ir além de soluções superficiais para as temáticas que são apresentadas, neste caso, uma abordagem que transcendeu a discussão de que a separação do lixo doméstico é suficiente para resolver a problemática apresentada. É claro que essa atitude é importante, mas não suficiente para a promoção de ações que interrompam ou reduzam a degradação ambiental do nosso planeta.

A avaliação dos bolsistas do PIBID deixou clara, ainda, a potencialidade de desdobramentos da proposta, partindo para reflexões sobre a responsabilização pelo lixo, quando apontaram para a necessidade do vídeo trazer um desfecho que solucionasse, ou que apresentasse possibilidades para a problemática apresentada.

A terceira e última categoria, nomeada de “Problematização”, apontou para as questões que foram trazidas para problematizar a prática. Podemos dizer que a problematização realizada no início do vídeo facilitou a compreensão dos problemas trabalhados a partir da temática do Lixo e incitou alternativas possíveis de resoluções, potencializando a aprendizagem das ciências partindo de um espírito crítico, portanto assumindo também um papel político denunciando a realidade e o contexto social.

Posto isto, a experiência colocada em prática, ainda aponta para uma alternativa de Educação Ambiental Crítica que, à partir da arte, toma o tom de encantamento, chamando a atenção para a problematização da questão central proposta, no caso sob análise o lixo, e conforme registro dos bolsistas do PIBID, alcança o objetivo de fazer o sujeito se ver imbricado na realidade em discussão e perceber a extensão, a complexidade e a relação dialética do homem com a natureza.

Por outro lado, a prática, pensada para se adaptar ao contexto do Ensino Remoto Emergencial, e considerada a extensão de assuntos que permeiam a ideia de lixo, exigiu a delimitação, tanto dos problemas a serem destacados na problematização, quanto do tempo do vídeo produzido. A avaliação dos pibidianos deixou clara a possibilidade de desdobramentos de vários pontos da reflexão proposta, demonstrando a potencialidade do assunto, tanto para despertar o interesse no aprendiz, quanto para promover uma educação ambiental crítica que supere abordagens superficiais tradicionais e contribuam para a formação docente, direcionando os esforços da educação escolar para desenvolvimento da máxima potencialidade dos estudantes.

4 AGRADECIMENTOS

CAPES, FAPEMIG E UFLA

5 REFERENCIAS

ALVES, José Matias; CABRAL, Ilídia. **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Ricardo Azevedo. Liberdade e associação livre em um mundo coisificado: humanização como a arte do encontro psicanalítico. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 53, p. 57-63, jun. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BIESDORF, Rosane kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia**, v. 2, n. 11, p. 1-11, 2011.

DUARTE, Newton. **Arte e formação humana em Lukács e Vigotski**. Reunião Anual da Anped, v. 31, 2008.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. **Fracasso Escolar no contexto da Escola Pública: entre mitos e realidades**: Dia-a-Dia Educação. Portal Educacional do Estado do Paraná. Curitiba: CELEPAR, 2008, p.01-27

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, [S.l.], p. 161-171, mai. 2016. ISSN 2447-8288. Disponível em: <<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347/360>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. (Organização José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo.; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Teoria social crítica e pedagogia histórico-crítica: contribuições à Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 33, p. 68-82, 2016.

MARTINS, Ronei Ximenes. A covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MONTEIRO, Julia Amorim; LOURENCO, Camila Oliveira; VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. Muitas Fugiam Ao Me Ver: a importância da poesia de Carolina Maria de Jesus como problematizadora da cultura negra em ambientes educacionais. **Revista do Edicc**, v. 6, p. 63-72, 2020.

MONTEIRO, Julia Amorim; PAULA, Augusto Antonio de; NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. “O pássaro cativo” e a educação ambiental crítica: uma reflexão sobre a formação inicial de professores a partir do poema de Olavo Bilac. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 14, n. 3, 2018.

MONTEIRO, Julia Amorim; GONÇALVES, Laíse Vieira; NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. Práticas pedagógicas de Educação Ambiental em diálogo com a arte: contribuições na formação de professores de ciências e biologia. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, 15(1), 277–287, 2020.

ROSA, Marllon Moreti de Souza; MONTEIRO, Julia Amorim; NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. Políticas para a Saúde Pública e o Ambiente: o desfecho de uma sequência didática a partir da Metodologia da Problematização. **Revista Científica ANAP Brasil**, [S.l.], v. 12, n. 25, dez. 2019. ISSN 1984-3240. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/anap_brasil/article/view/2221/2063>. Acesso em: 15 ago. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17271/19843240122520192221>.

SOUZA, Cacilda da Silva; IGLESIAS, Alessandro Giraldez; PAZIN-FILHO, Antonio. Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais – aspectos gerais. **Medicina** (Ribeirão Preto. Online), Ribeirão Preto, v. 47, n. 3, nov., p. 284-292, 2014.

TEMOTEO, Paulo Antônio de Oliveira; CARNEIRO, Marcelo Carbone; NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. Arte, História e Ciência no Ensino do Conceito de Classificação Botânica. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da**

Fórum Ambiental da Alta Paulista

ISSN 1980-0827 – Volume 17, número 4, 2021

Alta Paulista, [S.l.], v. 16, n. 5, dez. 2020. ISSN 1980-0827. Disponível em:
<https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/2658>. Acesso em:
15 Ago. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17271/1980082716520202658>.

TREIN, Eunice Schilling. Educação Ambiental crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**. v. 7, n. 14, ago.-dez. 2012.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.